

A INFLUÊNCIA DA FENOMENOLOGIA E DO EXISTENCIALISMO NA GESTALT-TERAPIA

GEORGES DANIEL JANJA BLOC BORIS¹

ANNA KARYNNE MELO²

VIRGINIA MOREIRA³

RESUMO

A literatura sobre a influência da fenomenologia e do existencialismo na gestalt-terapia é controversa, pois seus fundadores não se ocuparam em esclarecer seus fundamentos filosófico-epistemológicos. Entretanto, entendemos que as várias influências sofridas por Perls e seus colaboradores na construção da gestalt-terapia apontam para uma convergência de um posicionamento fenomenológico-existencial. Discutimos as possíveis influências da fenomenologia e do existencialismo na gestalt-terapia a partir da revisão da literatura. Destacamos a influência da psicologia da gestalt, a partir de Goldstein, Laura Perls e Goodman, bem como as aproximações às ideias fenomenológicas

¹ Doutor. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Endereço Institucional: Universidade de Fortaleza – Avenida Washington Soares, 1321 – Edson Queiroz – Fortaleza – Ceará – Brasil – 60811-905 – (85)34773219 – geoboris@unifor.br. Endereço para correspondência: Rua Luiza Miranda Coelho, 35 – Engenheiro Luciano Cavalcante – Fortaleza – Ceará – Brasil – 60811-110 – (85)30554053– (85)999099262. O autor contribuiu com todo o texto do artigo, especialmente nos trechos que tratam da influência do existencialismo na Gestalt-terapia.

² Doutora. Graduação em Psicologia. Endereço Institucional: Universidade de Fortaleza – Avenida Washington Soares, 1321 – Edson Queiroz – Fortaleza – Ceará – Brasil – 60811-905 – (85)34773219. karynnemelo@unifor.br. O autor contribuiu com todo o texto do artigo, especialmente nos trechos que tratam da influência da fenomenologia na Gestalt-terapia.

³ Doutora. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Endereço Institucional: Universidade de Fortaleza – Avenida Washington Soares, 1321 – Edson Queiroz – Fortaleza – Ceará – Brasil – 60811-905 – (85)34773219. virginiamoreira@unifor.br. O autor contribuiu com todo o texto do artigo, especialmente nos trechos que tratam da fenomenologia de Merleau-Ponty.

de Brentano, Husserl e Merleau-Ponty. Da mesma forma, no que se refere ao existencialismo, apontamos a articulação das concepções gestálticas com as filosofias de Kierkegaard, Nietzsche, Buber e Sartre. Concluímos que a influência da fenomenologia e do existencialismo na gestalt-terapia proporcionam uma concepção de homem como ser-no-mundo e uma ênfase na experiência vivida. Palavras-chave: gestalt-terapia; fenomenologia; existencialismo.

THE INFLUENCE OF PHENOMENOLOGY AND EXISTENTIALISM IN GESTALT-THERAPY

ABSTRACT

The literature on the influence of phenomenology and existentialism in gestalt-therapy is controversial because its founders did not mind to clarify its philosophical and epistemological foundations. However, we understand that the various influences suffered by Perls and his colleagues in the construction of gestalt-therapy point to a convergence of an existential-phenomenological position. We discuss the possible influences of phenomenology and existentialism in gestalt-therapy from the literature review. We highlight the influence of Gestalt psychology, from Goldstein, Laura Perls and Goodman, as well as approaches to phenomenological ideas of Brentano, Husserl and Merleau-Ponty. Similarly, in relation to existentialism, we point out the articulation of gestalt conceptions with the philosophies of Kierkegaard, Nietzsche, Sartre and Buber. We conclude that the influence of phenomenology and existentialism in gestalt-therapy provide a conception of man as being-in-the-world and an emphasis on lived experience.

Keywords: gestalt-therapy; phenomenology; existentialism.

A INFLUÊNCIA DA FENOMENOLOGIA E DO EXISTENCIALISMO NA GESTALT-TERAPIA

THE INFLUENCE OF PHENOMENOLOGY AND EXISTENTIALISM IN GESTALT-THERAPY

INTRODUÇÃO

Tratar da influência do existencialismo e da fenomenologia na gestalt-terapia é sempre uma questão controvertida, tendo em vista que os criadores da gestalt-terapia não se preocuparam em explicitar seus fundamentos filosófico-epistemológicos (Boris, 1992; Loffredo, 1994; Porto, 2007; Tellegen, 1984). Em seu primeiro livro, *Ego, Fome e Agressão*, publicado em 1942, Perls (2002) já deixava claro seu desinteresse por tais questões: "aqui, não estou inclinado a me ocupar com questões filosóficas mais do que o absolutamente necessário para a solução de nossos problemas e por certo não estou querendo participar de nenhuma discussão meramente verbal" (p. 75). Da mesma forma, no prefácio da obra *Gestalt-Terapia*, de 1951, quando seus autores apresentam seu livro, afirmam: "empregamos um mínimo de semântica e terminologia filosófica" (Perls, Hefferline & Goodman, 1951/1997, p. 34). Por sua vez, Ginger e Ginger (1995), representantes da gestalt-terapia na França, lembram que "Fritz Perls tinha repugnância por qualquer teorização: *'loose your head, come to your senses'*, gostava ele de repetir" (p. 10-11). Tal posição, provavelmente, explica a lacuna filosófica nos textos originais de Frederick Perls e de seus colaboradores, quando da criação da gestalt-terapia, priorizando a prática clínica.

Em sua obra póstuma, publicada em 1973, *A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia*, Friedrich Salomon Perls (1893-1970) considerava a gestalt-terapia um dos três tipos de psicoterapia existencial,

juntamente com a logoterapia, de Viktor Emil Frankl (1905-1997), e a *daseinsanálise*, de Ludwig Binswanger (1881-1966). No entanto, criticava outros pensadores existencialistas, que teriam desenvolvido suas ideias a partir de conceitos externos, pois o existencialismo deveria, em sua opinião, “se libertar dos conceitos e trabalhar com o princípio da ‘presentificação’ (awareness), com a fenomenologia” (p. 33). Ao se referir à fenomenologia, Perls parecia apontar para um entendimento metodológico do termo, no sentido de deixar de lado as teorizações, com seus conceitos, e voltar às coisas mesmas, tal como preconizou Husserl (1900-1901/1980), mais do que à fenomenologia como eixo filosófico da gestalt-terapia. Segundo Perls (1969/1977), “o que é importante é que a Gestalt-terapia é a primeira filosofia existencial que se apóia em si própria”. (p. 33).

O fato de Perls afirmar que a gestalt-terapia se apóia em si mesma demonstra não apenas seu exagero na crítica anti-intelectualista (Ginger & Ginger, 1995), e sua negligência com as bases filosóficas da gestalt-terapia (Tellegen, 1984; Boris, 1990; Loffredo, 1994; Porto, 2007), mas uma influência do pragmatismo norte-americano, notoriamente presente em seu pensamento (Boris, 1992).

Embora os próprios criadores da gestalt-terapia não tenham priorizado sua explicitação epistemológica ou filosófica, possíveis influências da fenomenologia e do existencialismo podem ser inferidas no desenvolvimento da teoria da gestalt-terapia, tal como tem sido arduamente trabalhado por seus representantes contemporâneos no Brasil.

Para Loffredo (1994), a postura fenomenológico-existencial é o ponto de convergência das várias influências sofridas por Perls e seus colaboradores na

criação da gestalt-terapia, entre elas, a psicanálise de Freud e dos pós-freudianos, a psicologia da gestalt, a teoria organísmica de Goldstein, o holismo de Smuts, o pensamento oriental e os pensamentos de Friedländer, Landauer e Goodman.

Diante dessas questões controversas, este artigo objetiva discutir possíveis influências da fenomenologia e do existencialismo na gestalt-terapia. Para tal objetivo, realizamos uma revisão da literatura, elencando os textos clássicos de Perls, da Gestalt-Terapia, e de comentadores que problematizam a sua base epistemológica.

POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS DA FENOMENOLOGIA NA GESTALT-TERAPIA

Reconhecemos as possíveis influências fenomenológicas na gestalt-terapia a partir de vários eixos:

1. A Influência de Goldstein, Laura Perls e Goodman

Perls (1969/1979) entrou em contato com a psicologia da gestalt por volta de 1926, por meio de Laura Perls, que tinha sido aluna de Wertheimer, e com a teoria organísmica de Kurt Goldstein, com quem trabalhou como assistente no Instituto de Soldados Portadores de Lesões Cerebrais, no qual Goldstein estudava as consequências comportamentais de tais lesões a partir das noções básicas da psicologia da gestalt de Wertheimer, Köhler e Koffka, que, por sua vez, desenvolveram seu trabalho a partir dos escritos de Husserl (1900-1901/1980) e de Carl Stumpf (1848-1936), professor de Husserl, que desenvolveu uma fenomenologia de caráter mais funcional (Abbagnano, 2007; Castro & Gomes, 2015). Goldstein propunha a concepção de organismo como um todo, rompendo com a tradição clássica de que temos órgãos isolados (Boris,

1992; Helou, 2015; Loffredo, 1994; Tellegen, 1984). Entretanto, posteriormente, o próprio Husserl discordou do sentido naturalista que eles teriam adotado no seu método.

Em sua autobiografia (Perls, 1969/1979), Fritz reconheceu a pouca profundidade de seus conhecimentos sobre a psicologia da gestalt, admitindo sua maior ênfase na diferenciação figura-fundo e na ideia de situação inacabada, que ele desenvolveu na sua proposta de uma psicoterapia gestáltica.

Ainda que Perls também tenha sofrido a influência de sua esposa Laura Perls e de Goldstein, ambos baseados na psicologia da gestalt, Paul Goodman, discípulo de Laura e um dos coautores de *Gestalt-Terapia* (Perls *et al.*, 1951/1997), considerada, por muitos, a principal obra do referencial gestáltico, teve importância fundamental no “redirecionamento fenomenológico da proposta gestáltica de Perls, a ponto de formularem, juntos, uma fenomenologia da *awareness*” (Müller-Granzotto & Müller-Granzotto, 2007a, p. 26). Na leitura fenomenológica que realizam da gestalt-terapia, Müller-Granzotto e Müller-Granzotto consideram que a fenomenologia que se pode ler nas páginas de *Gestalt-Terapia*, obra mestra de Perls *et al.* (1951/1997), não é similar à de Husserl (1900-1901/1980), pois a obra dos gestalt-terapeutas está impregnada da influência dos trabalhos de Goldstein sobre a autorregulação orgânica:

são os casos médicos e as reflexões de Goldstein que fornecem a Perls, Hefferline e Goodman, assim como a Merleau-Ponty, quase contemporaneamente, a vigência de uma significação pré-objetiva – que nos doentes está modificada ou comprometida – acerca da qual os modelos explicativos advindos das ciências naturais e do subjetivismo filosófico silenciam (Müller-Granzotto & Müller-Granzotto, 2007a, p. 19).

Ou seja, a fenomenologia que se depreende da gestalt-terapia não é mais a fenomenologia eidética da busca transcendental das essências do primeiro Husserl (1900-1901/1980), mas a que, por meio do conceito de campo

organismo-meio, de Kurt Goldstein, se aproxima da fenomenologia mundana de Merleau-Ponty (1945; 1960; 1964): “em vez de uma ciência rigorosa, a fenomenologia se transformou, na pena de Perls, Hefferline e Goodman, numa descrição da irreducibilidade radical da experiência de coexistência” (Müller-Granzotto & Müller-Granzotto, 2007a, p. 162).

2. A Influência Epistemológica da Fenomenologia na Gestalt-Terapia

Boris (1992) e Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007a) apontam a influência da fenomenologia na gestalt-terapia a partir de três principais nomes: Brentano, Husserl e Merleau-Ponty.

Brentano (1838-1917), mestre de Husserl (1900-1901/1980), é considerado o precursor da fenomenologia e grande influenciador do método fenomenológico de Husserl. Propôs um empirismo diferente do empirismo inglês, que observava vários fatos e os abstraía, generalizando suas notas comuns, pois sua psicologia do ato tomava um único caso e buscava captar o que nele é essencial (em que consiste, sem o qual não é), obtendo a essência do fenômeno. Para Boris (1992), a mesma atitude de Brentano se manifesta na gestalt-terapia, quando “ficamos com o que está, com a pessoa que temos à nossa frente e não com a sua classificação, a partir de uma generalização” (p. 36), no que se refere às categorias psiquiátricas tradicionais.

Outra contribuição importante do pensamento de Brentano (1874/1973) para a gestalt-terapia foi sua ênfase no aspecto processual da compreensão dos fenômenos psíquicos. Para Boris (1992), “isto se manifesta na gestalt-terapia na preponderância do *como* sobre o *porquê*” (p. 36), na medida em que enfatizamos

os processos vividos pelos pacientes, mais do que as causas de suas experiências.

Mas é o conceito de *intencionalidade* dos fenômenos psíquicos que é, certamente, a herança mais importante do pensamento de Brentano para a fenomenologia de Husserl (1900-1901/1980) e, posteriormente, para a gestalt-terapia: “a tarefa da psicologia descritiva passa a ser a caracterização dos processos intencionais implícitos aos nossos atos intuitivos e presentes como orientação objetiva aos nossos atos intencionais” (Müller-Granzotto & Müller-Granzotto, 2007a, p. 43). O princípio da intencionalidade indica que a consciência é sempre consciência de alguma coisa, se revelando como tal apenas quando dirigida a um objeto. Isto significa que consciência e objeto não se separam e que apenas se definem na sua correlação; portanto, consciência e objeto não existem fora de tal correlação co-original, que permite constituir o sentido da experiência intencional.

Husserl (1900-1901/1980), por sua vez, criticava o positivismo vigente na filosofia de sua época, cuja ênfase se voltava à objetividade e à ideia de unicidade da verdade. A crítica de Husserl à psicologia do início do século XX se voltou, de acordo com Paisana (1992) não à psicologia como ciência, mas às suas pretensões filosóficas de fundamentação da Teoria do Conhecimento. Husserl argumentava que a vida psíquica é um dado imediato, ao qual apenas podemos ter acesso por meio da descrição, que constitui o ponto de partida do método fenomenológico (Dartigues, 1992; Feijoo, 2011; Oliveira, 2008a, 2008b; Zilles, 2007).

Tendo em vista a inseparabilidade entre sujeito e objeto, ligados pela intencionalidade, é que Husserl propôs a redução fenomenológica – ou *epoché*

– como um artifício metodológico de “colocar entre parênteses” a realidade do senso comum. Ou seja, a *epoché* visa a suspender os *a priori*, os pressupostos ou “pré-conceitos”. Para Yontef (1998), na gestalt-terapia, “a atitude fenomenológica é reconhecer e colocar entre parênteses (colocar de lado) ideias preconcebidas sobre o que é relevante” (p. 218). Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007a) fazem uma analogia entre o emprego fenomenológico da noção de intencionalidade e o uso gestáltico da concepção de *awareness*. Lembram que Perls *et al.* (1951/1997) afirmavam que a *awareness* “caracteriza-se pelo *contato*, pelo *sentir* (sensação/percepção), pelo *excitamento* e pela formação de *Gestalten*. O seu funcionamento adequado é o reino da psicologia normal; qualquer perturbação cai na categoria de psicopatologia” (p. 33). Baseados nesta concepção, Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007a) entendem que tal definição, embora mais afinada com a teoria de Goldstein, repete a definição husserliana de intencionalidade (Husserl, 1900-1901/1980). Entretanto, ambas as concepções são caracterizadas pelo processo de vivência de um fluxo de dados materiais, de maneira que tal abordagem da *awareness* como sistema intencional, no modelo fenomenológico, teria permitido a Perls *et al.* (1951/1997) “safar” a noção de intencionalidade organísmica de Goldstein de sua conotação exclusivamente material, tal como, originalmente, proposta por ele, tendo a fenomenologia acrescentado um fundo temporal à noção de organismo materialmente inserido no meio. Com base nesta noção de *awareness* “análoga” à intencionalidade transcendental, na gestalt-terapia, a fronteira de contato passou a ser entendida como um evento temporal, já que “todo ato contatante é um todo de *awareness* – resposta motora e sentimento –

uma cooperação dos sistemas sensorial, muscular e vegetativo – e o contato se dá na superfície-fronteira *no campo do organismo/ambiente*" (p. 68).

Merleau-Ponty (1945; 1960; 1964/1984; 1966), filósofo francês, realizou uma releitura da fenomenologia de Husserl (1900-1901/1980), recolocando a essência na existência. Toda a sua obra partiu, especialmente, do último Husserl (1936/2012), em seu livro *A Crise das Ciências Européias e a Fenomenologia Transcendental*, no qual o filósofo alemão desenvolveu mais amplamente o conceito de *Lebenswelt* – ou mundo vivido -, que passou a ser o fio condutor do pensamento de Merleau-Ponty (Bidney, 1989; Moreira, 2007; Moreira, 2009). Para Merleau-Ponty, a fenomenologia de Husserl não abandonou as reduções ou o idealismo que conduziram todo o seu pensamento (Zahavi, 2002). Coelho Junior e Carmo (1991) acentuam que mesmo retomando o pensamento de Husserl, Merleau-Ponty não se dizia um husserliano, pois, mais do que afirmar a posição idealista de Husserl, ele pretendia fazer uma crítica a esta.

Ainda que Merleau-Ponty tenha morrido cedo, em 1961, sua filosofia propõe a superação do pensamento dualista ocidental com a discussão da noção de ambiguidade, e sempre movido em uma dialética cíclica, que nunca se fecha. Tratava-se de um pensamento eminentemente crítico, destacando o processo de mútua constituição do homem com o mundo. Para ele, a realidade é opaca, não existindo verdades absolutas. O mundo tem contornos múltiplos. Esclareceu, tomando as pinturas de Cézanne -pintor impressionista do século XX, que, quando percebemos o mundo, o percebemos sob uma perspectiva que depende da disposição do conjunto de elementos que se apresenta na nossa relação com o mundo. Para Merleau-Ponty, os contornos são apenas limites que nos possibilitam ver uma coisa em profundidade e sob certa perspectiva, e é por

meio da priorização do significado de *Lebenswelt* (mundo vivido) que supera a dicotomia entre mundo natural e o mundo cultural. Para Merleau-Ponty (1945/2006),

o mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade 'não habita' apenas o 'homem interior', ou, antes não homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece (p. 6).

O conceito de *intersubjetividade*, que pressupõe uma *intencionalidade*, ao longo da obra de Merleau-Ponty (1945; 1960; 1964/1984; 1966), foi se transformando com o seu conceito de *intercorporeidade*. Este conceito culminou na sua concepção de *carne*, em seus últimos escritos. Segundo Merleau-Ponty (1964/1984),

a *carne* não é matéria, não é espírito, não é substância. Seria preciso, para designá-la, o velho termo 'elemento' no sentido em que era empregado para falar-se da água, do ar, da terra e do fogo, isto é, no sentido de uma coisa geral, meio caminho entre o indivíduo espaço-temporal e a idéia, espécie de princípio encarnado. (...) Neste sentido, a carne é um 'elemento' do ser (p. 136).

A *carne* é, então, estar aqui e agora, em toda parte e para sempre, individual e universal, consistindo no emaranhado do visível com o corpo vidente e do tangível com o corpo tangente, e mantendo a reversibilidade infinita, sempre presente, nunca realizada de fato (Moreira, 2007).

Embora Boris (1992) e Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007a), dentre outros gestalt-terapeutas, considerem o pensamento de Merleau-Ponty (1945; 1960; 1964/1984; 1966) um possível fundamento epistemológico para a gestalt-terapia, é importante lembrar que nem Perls nem qualquer dos criadores da gestalt-terapia chegou a ler Merleau-Ponty, cuja obra, na verdade, foi contemporânea da gestalt-terapia. Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007a) e Alvim (2011) identificam afinidades entre o pensamento de Perls *et al.*

(1951/1997) e a fenomenologia de Merleau-Ponty (1945; 1960; 1964), entendendo que tanto a gestalt-terapia quanto a filosofia do pensador francês desenvolvem uma fenomenologia baseada na descrição da experiência vivida e apoiada no mundo da vida.

É na definição do conceito de fronteira de contato que Perls *et al.* (1951/1997) aproximam sua concepção da filosofia da ambiguidade de Merleau-Ponty (1945; 1960; 1964/1984; 1966), explicando que tal fronteira é o lócus no qual o contato e a *awareness* acontecem. Portanto, ela não pode ser expressada como fronteira *entre*, mas *no* organismo e *no* ambiente como totalidade porque “a definição de um animal implica seu ambiente: não tem sentido definir alguém que respira sem o ar, alguém que caminha sem gravidade e chão...” (Perls *et al.*, 1951/1997, p. 69). Entendemos que, para Perls, há, na fronteira de contato, uma reversibilidade, pois organismo e ambiente são constituídos mutuamente na experiência de contatar. Neste sentido, há uma ruptura definitiva com as dicotomias corpo e mente, sujeito e objeto, interno e externo, organismo e ambiente.

Perls (1942/2002), já desde *Ego, Fome e Agressão*, entendia o campo organismo/meio permeado pela historicidade de seus participantes. Para Tellegen (1984), “a noção de contato, assim entendida como base relacional fundamental e originária daquilo que se apresenta à nossa experiência como eu-outro, sujeito-objeto, interno-externo, constitui a base fenomenológica da abordagem gestáltica e é o cerne de sua metodologia” (p. 50).

3. A Influência da Metodologia Fenomenológica na Gestalt-Terapia

Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007a) discordem da utilização meramente técnica do método fenomenológico, lembrando que conteúdo e técnica não podem ser investigados separadamente em fenomenologia. Mas vários gestalt-terapeutas se referem à contribuição prioritariamente metodológica da fenomenologia na gestalt-terapia. Para Yontef (1998), por exemplo, a gestalt-terapia "se utiliza da fenomenologia com uma conotação mais técnica: a GT criou uma terapia estruturada numa metodologia existencial operacional" (p. 218).

Na mesma linha de Yontef (1998), Ginger e Ginger (1995) assinalam que, da fenomenologia, a gestalt-terapia reteve, em especial, as seguintes ideias: é mais importante descrever do que explicar – ou seja, o *como* prepondera sobre o *porquê*; o essencial é a *experiência imediata*, tal como é percebida ou *sentida corporalmente* – até imaginada –, assim como o processo que se desenvolve *aqui e agora*; e a importância de uma *tomada de consciência do corpo e do tempo vivido* como *experiência única de cada ser humano*, não podendo ser teorizada, de forma preestabelecida.

Loffredo (1994) sintetiza as principais características do método fenomenológico, assinalando que a gestalt-terapia as teria obtido a partir da psicologia da gestalt. Para ela, esta é a principal via da influência fenomenológica na gestalt-terapia. As referidas características são: dar ênfase à experiência imediata aqui-e-agora, colocando entre parênteses preconcepções estranhas a este vivido imediato; buscar *insights* na estrutura própria ao todo fragmentado; voltar-se a um trabalho de experimentação sistemática para descrever, com acuidade, a estrutura dos fenômenos implicados; buscar *insight* no próprio

processo de *awareness*; e estar imbuído da ‘atitude fenomenológica’, que supõe ser a consciência sempre ‘consciência de’, criando condição de existência do mundo e dando-lhe sentido.

Tellegen (1984) também enfatizava a herança da metodologia fenomenológica na gestalt-terapia, afirmando que “a maneira de seguir atenta e minuciosamente as manifestações desta experiência na sua unicidade irreduzível caracteriza uma postura fenomenológica e se afasta de tecnicismos desqualificados como ‘truque’ pelo próprio Perls” (p. 41). A afirmação de Tellegen é importante no sentido de assinalar que a herança da metodologia fenomenológica na gestalt-terapia não é uma mera técnica, mas uma postura, isto é, uma atitude. Na verdade, o próprio Perls (1969/1977), em seu livro *Gestalt-Terapia Explicada*, já denunciava o engano do tecnicismo por parte de alguns gestalt-terapeutas:

uma das objeções que tenho contra qualquer pessoa que se diga um gestalt-terapeuta é quanto ao uso da técnica. Uma técnica é um truque. Um truque deve ser usado apenas em casos extremos. Existem muitas pessoas colecionando truques e mais truques, abusando deles. (...) Mas, o triste fato é que esta energetização freqüente se torna uma perigosa atividade substitutiva, uma outra falsa terapia que impede o crescimento. (...) Na Gestalt-terapia trabalhamos por algo mais. Estamos aqui para promover o processo de crescimento e desenvolver o potencial humano (p. 14).

Esta é, também, a preocupação de Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007b), que defendem que, na clínica da gestalt-terapia, a fenomenologia é mais uma atitude de concentração naquilo que se mostra desde si mesmo do que uma metodologia de intervenção.

INFLUÊNCIAS DO EXISTENCIALISMO NA GESTALT-TERAPIA

Ao contrário das influências da fenomenologia, que nem sempre se encontram explicitadas nos textos de gestalt-terapia, as influências do

existencialismo são mais evidentes. Segundo Perls (1975/1977), no seu artigo *Gestalt-Terapia e Potencialidades Humanas*, publicado no livro organizado por John O. Stevens, a “gestalt-terapia é uma das forças rebeldes, humanistas e existenciais da psicologia, que procura resistir à avalanche de forças autodestrutivas, autoderrotistas existentes entre alguns membros de nossa sociedade. Ela é ‘existencial’ num sentido amplo” (p. 19).

É possível apontar a influência dos grandes nomes do existencialismo e discutir como suas ideias se revelam na gestalt-terapia (Boris, 1992).

Kierkegaard (1813-1855), considerado o “pai do existencialismo”, foi um filósofo cristão que desenvolveu suas ideias a partir da própria existência pessoal. Penha (1982) afirma que, para Kierkegaard, o homem concreto e singular, como subjetividade, é a categoria central da existência, já que apenas ele tem consciência de sua singularidade. O seu existencialismo se caracterizou por um caráter marcadamente individual, que enfatizava a subjetividade e a existência pessoal. Podemos perceber certa exacerbação do individualismo e da subjetividade em alguns aspectos da gestalt-terapia de Fritz Perls, especialmente na sua “oração da gestalt:

Eu faço minhas coisas, você faz as suas.
Não estou neste mundo para viver de acordo com suas expectativas
E você não está neste mundo para viver de acordo com as minhas.
Você é você, e eu sou eu.
E se por acaso nos encontrarmos, é lindo.
Se não, nada há a fazer (Perls, 1969/1977, p. 17).

Nietzsche (1844-1900), “pai” da vertente existencialista materialista, tem seu nome ligado às ideias do “Super-Homem” (homem auto-atualizado), de “vontade de potência” (plenificação e retomo da vida) e do “trágico” (integração entre os aspectos “dionisíaco” - de Dionísio, deus da música, da embriaguez e da ultrapassagem dos limites - e “apolíneo” - de Apolo, deus da bela forma, da

escultura, dos limites individualizantes e da lucidez). Para Boris (1992), “estes aspectos podem ser percebidos na gestalt-terapia na crença na capacidade de auto-atualização humana e a expressão da totalidade caos-ordem nos grupos vivenciais” (p. 38). Segundo Fonseca (2007), a perspectiva existencial vivencial trabalhada na gestalt-terapia pode ser entendida, na perspectiva de Nietzsche, como força especificamente ativa e afirmativa. No texto *Gestalt terapia e Potencialidades Humanas*, Perls (1975/1977) comentou sobre o potencial humano, inspirado na concepção de “super-homem” de Nietzsche: “o potencial humano é diminuído tanto pelas ordens não apropriadas da sociedade como pelo conflito interno” (p. 24). Embora não seja explícita a relação entre os pensamentos de Perls e de Nietzsche, mesmo no que se refere ao que ele denominava de “potencial humano”, suas afirmações tinham um caráter existencial evidente, pois considerava o ser humano em seu contexto vivido e histórico.

Buber (1878-1965) desenvolveu uma filosofia dialógica integradora da vivência e da reflexão e propiciadora da criação de comunidades humanas, a partir de duas atitudes básicas da existência humana: a primeira delas, a atitude Eu-Tu, que se caracteriza pelo envolvimento, reciprocidade, imediatez, presença e responsabilidade, é plenamente enfatizada pela gestalt-terapia, mas a segunda, a atitude Eu-Isso, caracterizada pela separação ou distanciamento e necessária para a produção teórico-científica, foi negligenciada ou mesmo rejeitada (Boris, 1992).

Yontef (1998), em seu livro *Processo, Diálogo e Awareness*, afirma que “o trabalho fenomenológico da GT é feito por meio de um relacionamento baseado no modelo existencial do Eu e Tu-Aqui-e-Agora, de Martin Buber” (p.

221). O dialógico inclui a relação e a atitude de ir na direção do outro, na busca do encontro da totalidade da existência humana.

O psicólogo norte-americano Richard Hycner (1995) estruturou tais conceitos dialógicos de Buber (1923/1979; 1923/1982), criando a psicoterapia dialógica, cujo objetivo é desenvolver uma postura relacional das polaridades Eu-Tu e Eu-Isso no processo psicoterapêutico e a busca da mutualidade de contato, que possibilita o processo de cura.

Na gestalt-terapia, a postura do terapeuta deve ser relacional porque a existência humana é interativa: “em Gestalt-terapia, o modelo dialógico traduz-se em uma postura relacional, sustentada na esperança de atingir, por meio do encontro terapêutico, a completude do Eu” (Amorim, 2007, p. 70). É a relação que “cura”, afirma Aguiar (2005), em seu livro *Gestalt-Terapia com Crianças*.

A concepção dialógica da gestalt-terapia (Freitas, Stroiek & Botin, 2010) é, também, defendida por Loffredo (1994), que, mesmo lembrando que as referências às bases do existencialismo dialógico de Buber (1923/1979; 1923/1982) não se encontrem nas obras clássicas da gestalt-terapia, considera que “a Gestalt-terapia se inscreve na linha de uma terapia dialógica, para a qual o fundamento último da existência é relacional, sendo, portanto, voltada para o domínio ou espaço do ‘entre’” (Loffredo, 1994, p. 80).

Sartre (1905-1980) é o grande e polêmico nome associado ao existencialismo. Seu pensamento e seu estilo de vida, construídos conjuntamente com Simone de Beauvoir, sua parceira de vida e de obra, fizeram do existencialismo francês uma das grandes vertentes filosóficas nos anos 1940-1970, no período pós-guerra, quando o mundo se via destruído e sonhava com a liberdade.

O filósofo tinha a idéia de que é o próprio homem, numa escolha livre e “situada”, quem determina sua própria existência. Esta ideia o levou a buscar desenvolver uma filosofia do homem concreto, compreendido como projeto, sempre em uma realidade também concreta: “queremos a liberdade através de cada circunstância particular. E, querendo a liberdade descobrimos que ela depende integralmente da liberdade dos outros, e que a liberdade dos outros depende da nossa” (Sartre, 1946/1984, p. 19).

Foi a busca de uma filosofia que admitisse a concretude do homem no mundo, na qual “a essência é precedida pela existência” (p. 19), uma “filosofia concreta”, que levou Sartre a se sentir atraído pela fenomenologia de Edmund Husserl (1900-1901/1980), a filosofia “das coisas mesmas”, que permitia tratar de um copo, por exemplo, e ser filosofia (Schneider, 2005; Gonçalves, Garcia, Dantas & Ewald, 2008).

As ideias de Sartre (1964/1984) de liberdade e de responsabilidade pelas escolhas, que se reportam a uma concepção existencial de homem - “o homem define-se pelo seu projeto” (p. 177), perpassam o pensamento contemporâneo.

Desta forma, o existencialismo pode ser entendido no sentido de envolver um empenho concreto com a realidade, aqui e agora, no presente, oferecendo pressupostos para um método reflexivo que permite analisar, fenomenologicamente, a existência.

O *agora* vivido da pessoa na gestalt-terapia indica, frequentemente, caminhos de como ela vive no mundo. Sabendo compreender o presente e como ele acontece, é possível ter pistas claras de como alguém atua no mundo e perfazer seu projeto existencial. Nas palavras de Perls (1973/1981),

a terapia gestáltica é, então, uma terapia ‘aqui e agora’, em que pedimos ao paciente durante a sessão para voltar toda sua

atenção ao que está fazendo no momento, no decorrer da sessão. Pedimos ao paciente para não falar sobre seus traumas e problemas da área remota do passado e da memória, mas para reexperienciar seus problemas e traumas – que são situações inacabadas no presente – no aqui e agora (p. 76).

Para Ginger e Ginger (1995), os princípios que sintetizam o existencialismo na gestalt-terapia são: o primado da *vivência concreta* em relação aos princípios abstratos; pode ser considerado ‘existencial’ tudo que diz respeito à forma como o homem experimenta sua existência, a assume, a orienta e a dirige; a autocompreensão para viver, para existir, sem se colocar questões de filosofia teórica; a *singularidade de cada existência* humana, a originalidade irreduzível da experiência individual, objetiva e subjetiva; e a noção de *responsabilidade* de cada pessoa, que participa, ativamente, da construção de seu *projeto existencial*, e confere um *sentido* original ao que acontece e ao mundo que a rodeia, criando, inelutavelmente, a cada dia, sua relativa *liberdade*.

Por sua vez, Loffredo (1994) e Yontef (1998) identificam que a gestalt-terapia é existencial em dois sentidos: no sentido geral, enfatizando o processo da existência de cada indivíduo, em sua vida, bem como no decorrer da psicoterapia, privilegiando o sentido de sua responsabilidade e da escolha na criação de sua própria existência e no sentido de uma atitude particular quanto à concepção de relação, embasada no ponto de vista filosófico do existencialismo dialógico.

CONCLUSÃO

O caráter fenomenológico-existencial da gestalt-terapia se define a partir da sua articulação teórico-metodológica com a fenomenologia e o existencialismo. Compreendemos que a aplicação do método fenomenológico na gestalt-terapia tem como base uma orientação existencial, na qual a ênfase

objetivista na análise dos conteúdos, como tratava a psicologia da gestalt, muda para uma abordagem orientada para o sujeito que percebe e experimenta, preocupando-se com o modo *como* ele vivencia.

A gestalt-terapia é uma abordagem existencial, dado que enfatiza aspectos humanos da existência do cliente, bem como de cada momento do processo psicoterapêutico. Assim, podemos entender a gestalt-terapia como uma forma de psicoterapia existencial, concebendo o homem como um ser-no-mundo, um ser em relação, que está sempre em movimento, em devir, buscando sempre atualizar suas potencialidades e realizar seu projeto de ser.

Concluimos que a postura fenomenológica da abordagem gestáltica está historicamente ligada à psicologia da gestalt, cuja linha-mestra se inscreve na fenomenologia husserliana, que tem a *descrição* como método principal. Trata-se de seguir, atenta e minuciosamente, as manifestações da experiência *consciente* e *intencional* do cliente, em sua unicidade irreduzível, afastando-se de tecnicismos, desqualificados como “truques” por Perls. E que sua reflexão sobre a existência humana encontra expressão nos filósofos existenciais, a partir da sua ênfase no homem em relação e na sua forma de estar no mundo.

REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N.(2007). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Aguiar, L. (2005). *Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática*. Campinas: Livro Pleno.
- Alvim, M. B. (2011). A ontologia da carne em Merleau-Ponty e a situação clínica na Gestalt-terapia: entrelaçamentos. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17(2), 143-151.

- Amorim, T. (2007). Dialógico. In: Gladys D' Acri, Patricia Lima & Sheila Orgler (orgs.). *Dicionário de gestalt-terapia: "gestaltês"* (pp. 68-70). São Paulo: Summus.
- Bidney, D. (1989). Phenomenological method and the anthropological science of the cultural-life. In: M. Natanson. *Phenomenology and the social sciences* (p. 109-142). Evanston: Northwestern University Press.
- Boris, G. D. J. B. (1992). Gestalt-terapia e filosofia: onde e como nos perdemos? Como nos (re)encontraremos? *Revista de Humanidades – UNIFOR*, p. 34-39. Fortaleza.
- Brentano, F. (1973). *Psychology from an empirical standpoint*. Trad. Antos Rancurello, Linda McAlister. London: Internacional Library of Philosophy (Texto original publicado em 1874).
- Buber, M. (1979). *Eu e tu*. 2. ed. São Paulo: Cortez & Moraes (Texto original publicado em 1923).
- Buber, M. (1982). *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva (Texto original publicado em 1923).
- Castro, T. G. & Gomes, W.B. (2015). Fenomenologia e psicologia experimental no início do século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31, (3), 403-410. Brasília. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015032125403410>
- Figueiredo, L. C. (1991). *Matrizes do pensamento psicológico*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Fonseca, A. H. L. da (2007). O perfeito, performance e performance estética, fenomenológico existencial, hermenêutica, experiencial: estética fenomenológico existencial hermenêutica experimental, per(for)mática, em gestalt-terapia e em psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial. *Revista IGT na Rede*, 4, (7), 208-221. Rio de Janeiro.
- Freitas, J. L.; Stroiek, N. N. & Botin, D. (2010). Gestalt-terapia e o diálogo psicológico no hospital: uma reflexão. *Rev. abordagem gestalt*. [online]. 2010, 16, (2), 141-147.
- Ginger, S. & Ginger, A. (1995). *Gestalt: uma terapia do contato*. São Paulo: Summus.
- Gonçalves, R.; Garcia, F.; Dantas, J. & Ewald, A. (2008). Merleau-Ponty, Sartre e Heidegger: três concepções de fenomenologia, três grandes filósofos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 8, (2), 396-346.

- Helou, F. (2015). *Frederick Perls, vida e obra: em busca da gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Holanda, A. (2007). Método fenomenológico. In: G. D'Acri, P. Lima & S. Orgler (orgs.). *Dicionário de gestalt-terapia: "gestaltês"* (pp. 150-153). São Paulo: Summus.
- Husserl, E. (1980). *Investigações lógicas: sexta investigação. Elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural. Coleção Os Pensadores (Texto original publicado em 1900-1901).
- Husserl, E. (2012). *A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária (Texto original publicado em 1936).
- Hycner, R. (1995). *De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica*. São Paulo: Summus.
- Kierkegaard, S. A. (1979). *Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano (doença até a morte)*. São Paulo: Abril Cultural. Coleção Os Pensadores (Textos originais publicados em 1843/1849).
- Loffredo, A. M. (1994). *A cara e o rosto: ensaio sobre gestalt terapia*. São Paulo: Escuta.
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (1960). *Signes*. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1966). *Sens et non-sens*. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1984). *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva (Texto original publicado em 1964).
- Moreira, V. (2007). *De Carl Rogers a Merleau-Ponty: a pessoa mundana em psicoterapia*. São Paulo: Annablume.
- Moreira, V. (2009). *Clínica humanista-fenomenológica: estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica*. São Paulo: Annablume.
- Müller-Granzotto, M. & Müller-Granzotto, R. (2007a). *Fenomenologia e gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Müller-Granzotto, M. & Müller-Granzotto, R. (2007b). Fenomenologia. In: Gladys D'Acri, Patrícia Lima & Sheila Orgler (orgs.). *Dicionário de gestalt-terapia: "gestaltês"* (p. 110-112). São Paulo: Summus.

- Paisana, J. (1992). *Fenomenologia e hermenêutica: a relação entre as filosofias de Husserl e Heidegger*. Lisboa: Presença.
- Penha, J. da (1982). *O que é existencialismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Perls, F. (1977). *Gestalt-terapia explicada*. São Paulo: Summus (Texto original publicado em 1969).
- Perls, F. (1977). Gestalt-terapia e potencialidades humanas. In: John Stevens. *Isto é gestalt* (p. 19-28). São Paulo: Summus (Texto original publicado em 1975).
- Perls, F. (1979). *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus (Texto original publicado em 1969).
- Perls, F. (1981). *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores (Texto original publicado em 1973).
- Perls, F. (2002). *Ego fome e agressão: uma revisa da teoria e do método de Freud*. São Paulo: Summus (Texto original publicado em 1942).
- Perls, F., Hefferline, R. & Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus (Texto original publicado em 1951).
- Porto, P. (2007). Existencialismo. In: Gladys D'Acri, Patrícia Lima & Sheila Orgler (orgs.). *Dicionário de gestalt-terapia: "gestaltês"* (p. 94-96). São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (1985). *Gestalt-terapia: refazendo um caminho*. São Paulo: Summus.
- Sartre, J.-P. (1984). *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural. Col. Os Pensadores (Texto original publicado em 1946).
- Sartre, J.-P. (1984). *Questão de método*. São Paulo: Abril Cultural. Col. Os Pensadores (Texto original publicado em 1964).
- Schneider, D. (2005). Dialogando com o existencialismo. *Psicologia Brasil*, 3, 19-26. São Paulo.
- Tatossian, A. (2006). *Fenomenologia das psicoses*. São Paulo: Escuta (Texto original publicado em 1979).
- Tellegen, T. (1984). *Gestalt e grupos: uma perspectiva sistêmica*. São Paulo: Summus.
- Yontef, G. (1998). *Processo, diálogo e awareness*. São Paulo: Summus.